

CATEGORIA 04. MOTIVAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

O TEATRO DE TODOS OS DIAS: A MÁSCARA QUE PROTEGE E A MÁSCARA QUE ESTRANGULA

Persona, papéis sociais e o custo de esquecer quem se é sem eles, em leitura agrosófica

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro Agrônomo, Filósofo, Teólogo, Mestre em Gestão de Políticas Públicas, Palestrante e Diácono Permanente.
Criador da Agrosófia.

O PALCO E OS BASTIDORES

A intuição de que a maior parte das pessoas está atuando, e não sendo, tem lastro sério. Erving Goffman descreveu a vida social como teatro permanente, com palco, plateia e bastidores, e mostrou que cada um de nós administra uma fachada conforme o público diante do qual se encontra. Carl Jung chamou de persona a face que apresentamos ao mundo, lembrando que a palavra vem do latim e nomeava a máscara do ator, aquela pela qual a voz atravessava. Jean Paul Sartre deu nome ao excesso: a má fé, quando alguém se convence de que é apenas o papel que representa. Carl Rogers falou de incongruência, a distância entre a pessoa que se é e a pessoa que se acredita dever ser para continuar aceita.

Na era digital o palco cresceu e os bastidores encolheram. A vida virou curadoria, a curadoria virou espetáculo e o espetáculo exige plateia permanente. O resultado é conhecido: cansaço crônico e a estranha solidão de quem está cercado de gente e de aplausos.

A CASCA NÃO É MENTIRA

Aqui, porém, começa a parte que costuma ser mal contada. A máscara não é o contrário da autenticidade. Ela é condição da convivência civilizada. O médico que segura a própria emoção diante da família em luto não está mentindo, está protegendo. O professor que entra em sala com humor sereno, embora tenha dormido mal, não está enganando ninguém, está servindo. A cortesia é uma forma discreta de caridade.

Toda árvore tem casca, e casca não é disfarce. É o que protege o câmbio, a camada viva onde a planta de fato cresce. Confundir casca com falsidade é adolescência moral. O problema nunca foi ter casca. O problema é outro, e mais sério.

O TUTOR QUE ESTRANGULA A MUDA

Quem planta árvore conhece o erro clássico. Amarramos a muda ao tutor para que ela cresça firme, e isso é certo. Mas se a fita não for afrouxada com o tempo, o tronco engrossa contra o laço e a planta se estrangula por aquilo mesmo que a sustentava. A muda morre presa ao seu apoio.

A persona é o tutor da alma. Sustenta enquanto o tronco não firma e mata se não for afrouxada a tempo.

É exatamente isso que os autores citados chamam de identificação com a máscara. A pessoa assume o papel de forte, de bem humorado, de generoso, de espiritualizado, de bem sucedido, e chega o dia em que não sabe mais como é sem aquilo. Então o papel deixa de ser serviço e passa a ser prisão. Custa energia psíquica que não se repara com férias, porque não é cansaço de trabalho, é cansaço de vigilância.

A ARMADILHA MAIOR: A AUTENTICIDADE TAMBÉM VIROU PAPEL

Há uma crítica que precisa ser feita ao próprio elogio da autenticidade, e ela é incontornável nos dias de hoje. A sinceridade tornou-se, ela mesma, um gênero de espetáculo. A confissão pública, a vulnerabilidade exposta, o desabafo bem editado, tudo isso tem roteiro, hora de publicar e métrica de alcance. Trocamos a máscara do sucesso pela máscara da ferida, e continuamos no palco.

Existe ainda o abuso corriqueiro do argumento. Muita grosseria se apresenta hoje como franqueza, e muito descontrole se justifica como ser eu mesmo. Espontaneidade não é virtude por si. Descarregar o próprio humor sobre quem está ao lado não é autenticidade, é falta de domínio. Quem confunde as duas coisas costuma deixar um rastro de gente ferida e chamar isso de coerência.

Nem toda máscara é mentira, e nem toda espontaneidade é verdade.

NÃO HÁ UM EU PRONTO EMBAIXO DA MÁSCARA

Há ainda um pressuposto frágil na tese de que basta retirar as máscaras para encontrar a essência. Ela supõe um eu inteiro e pronto, guardado no porão, apenas esperando para ser revelado. A experiência humana e a filosofia clássica dizem outra coisa. Aristóteles ensinou que nos tornamos justos praticando atos justos, corajosos praticando atos de coragem. O papel exercido com constância não apenas esconde, ele também forma.

Isso muda a pergunta. Não se trata de saber se a pessoa está representando, porque todos representamos. Trata-se de saber se ela está trabalhando para se tornar aquilo que representa. Quem representa gentileza e vai se tornando gentil está usando a máscara como fôrma. Quem representa gentileza apenas até a porta do elevador está usando a máscara como fachada. A primeira educa, a segunda corrói.

O CRITÉRIO DE DISCERNIMENTO

Proponho um critério simples, e que dispensa psicologia complicada. Pergunte a quem a máscara serve. A máscara que protege o outro é serviço. A máscara que protege apenas a imagem é vaidade. A primeira cansa o corpo e descansa a consciência. A segunda descansa a aparência e cansa a alma.

E há um segundo teste, mais severo: pergunte onde ficam os seus bastidores. Quem não tem um lugar e algumas pessoas diante das quais não precisa representar nada não está vivendo, está em turno contínuo. Casamento, amizade antiga, família, oração. Diante de Deus, aliás, nenhuma fachada se sustenta, e essa é a maior liberdade que a fé oferece a quem vive exposto.

Quem não tem bastidor adoece de palco.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Onde aplicar	O critério
Na liderança	Sustente a compostura sem fingir infalibilidade. Equipe que nunca vê o líder reconhecer um erro aprende a esconder os próprios.
Na cooperativa	Cuidado com a assembleia que virou vitrine. Onde ninguém discorda em público, todos discordam no corredor, e a cooperação adocece.
Nas redes sociais	Publique a obra e não o rosto diante da obra. E reserve parte da vida para o que não será publicado, porque o que não vira conteúdo é o que sobra de você.
Na família	Seja em casa a pessoa mais parecida com a de fora. Coerência entre os dois ambientes é a herança mais barata e mais difícil de deixar.
Na maturidade	Chega um tempo de afrouxar a fita do tutor. Muitos papéis que sustentaram a juventude já só apertam o tronco depois dos sessenta.
Em si mesmo	Pergunte quanto do seu cansaço vem do trabalho e quanto vem da vigilância sobre a própria imagem. A segunda parcela costuma ser a maior.

CONCLUSÃO

A tese do teatro social está correta no diagnóstico e costuma errar na receita. Errado seria concluir que devemos arrancar toda máscara e viver crus uns diante dos outros, porque isso não produz autenticidade, produz barbaridade doméstica e institucional. O caminho não é abolir o papel, é afrouxar a fita, saber onde tirá-lo e trabalhar para merecê-lo.

Autenticidade madura não é ausência de máscara. É a coincidência lenta entre o papel que represento e a pessoa que vou me tornando, verificada ao longo de anos, com paciência e humildade. Como sempre, o critério é o da lavoura: não se avalia uma árvore pela casca, avalia se pela sombra que ela dá e pelo fruto que ela sustenta.

TEXTOS CORRELATOS NO PORTAL: AS PALAVRAS SÃO PERFORMANCE E O COMPORTAMENTO É CONFISSÃO?, NÃO VEJO AS PESSOAS COMO BOAS OU MÁS. VEJO-AS COMO PREVISÍVEIS. e O QUE SE PENSA E O QUE SE É: a discricção como método. Disponíveis em www.loterio.com.br.

PARA PALESTRAS E CURSOS: este tema e os demais eixos de trabalho, motivação, cooperativismo, comunicação, longevidade e Agrosafia, podem ser levados à sua cooperativa, empresa, escola, paróquia ou evento. WhatsApp (47) 99967-5010. E mail: ainorfloterio@gmail.com e contato@ainor.com.br.